



O
Gociante
Patissa
homem
que
plantava
aves

EDITORA PENALUX
GUARATINGUETÁ, 2017

O HOMEM QUE PLANTAVA AVES

PREPARAÇÃO

França e Gorj

REVISÃO

Daniel Zanella

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Murilo Guerra

EDIÇÃO

1ª Edição, 2017

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P299h PATISSA, Gociante. 1978
O homem que plantava aves
Gociante Patissa
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2017.

184 P. : 21 cm
ISBN 978-85-5833-282-8

1. Contos 2. Narrativas e relatos angolanos I. Título

CDD.: 869.3

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura Angolana



editora
penalux
.com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

A reprodução de qualquer
parte desta obra só é
permitida mediante
autorização expressa do
autor e da Editora Penalux.

EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39,
Guaratinguetá, SP, 12500-260

**A MEIA-VIAGEM
DO SENHOR SERVIÇO**



A passagem à reforma por limite de idade ia já a caminho do segundo Natal. Amândio Serviço dedicara os anos todos de seu vigor profissional desejando que chegasse logo esta etapa de não mais ter de cedo levantar, pentear a barba, engraxar sapatinhos e de gravata à volta do pescoço para o serviço caminhar. Baixinho, barriga redondinha, passos apressados, Serviço distinguia-se ao longe.

Para ser mais exacto, foram oficialmente trinta e cinco anos abnegados como cobrador de ônibus. Digo oficialmente porque, em boa verde, um erro cometido pelo padrinho de registo fez com que o pobre homem tivesse dois anos a menos que o seu irmão mais novo. O nome era mesmo o dele, mas a data de nascimento fora trocada pela do seu irmão menor. Tão difícil era o acesso ao papel naquela época que preferiram fingir que nada de errado se passara. Mal imaginava ele que pagaria mais tarde.

A esposa, a Dona Teresa Napata, notava com inquietude que o marido continuava a levantar-se ao mesmo horário de quase-madrugada, e para não fazer nada de jeito. Serviço percebia que a vida perdia sentido na ausência de motivos para se lamentar. Tão intensa era o dia a dia de cobrador de autocarro que voltava sempre com assuntos para desabafar ou para gargalhar, enfim, qualquer coisa para praguejar a sua sorte. Não era o tipo de trabalho que gostaria de fazer, mas era o que havia para sobreviver, mais a mais porque a profissão de alfaiate perdera valor, na ausência de uma indústria de tecidos e com o mercado dos balões de fardo de roupa usada do Ocidente.

Os dias passavam e a adaptação ao ócio seguia lenta. Inútil não é bem a palavra para descrever como se sentia, mas lhe fazia confusão tanta liberdade. De vez em quando, pegava no telefone e ligava para falar com alguém no seu antigo emprego, mas isso tinha duas razões para não ser boa ideia: a primeira estava no facto de serem horas de labor e como tal impróprias para ligações sem pé nem cabeça. A outra razão era de ordem financeira. Os telefones foram sempre caros. Aliás, não era à toa que o aparelho, azul e discado, estava resguardado num caixote de madeira e trancado a cadeado, justo num lar somente de marido e mulher (os filhos tinham moradias próprias). Era um inofensivo certificado de desconfiança à Dona Napata. Tinha ela fama de muito hospitaleira, pelo

que receava o homem que o telefone viesse a ser o SOS do bairro todo.

— Quem mais que está a ligar?! É aquele primo, da província, chato... Alô!

— Alô, primo-mais-velho, muito teeeempo!!!

— Ah, primo-mais-novo! É como a vida na província?! Assim já sei. Você quando liga, é apoio na escola... Ó filho!... Quer ser doutor até quando, afinal?! Arranja um ofício, varre as ruas, faz negócio, qualquer coisa, pá! Estudo já chega!

— Ah, pois, primo-mais-velho. A escola por acaso já concluí. Telefono para saber da cunhada, ouvi que está doente.

— Não se preocupe, a tua cunhada já não melhora nesta encarnação. E também ela é assunto meu. Mas você ainda continua no meio de papéis como cabrito? Mas, ó primo-mais-novo! Isso você acha que é futuro de um macho?!

— O primo-mais-velho também... Ah, mas não. O primo-mais-velho já sabe que a província tem um município novo?

— Ai, a nossa província engordou?

— Eu fui nomeado há um ano. Administrador-adjunto do município novo...

— Não fala isso! Eu sabia! Sempre falei: este meu primo-mais-novo cheio de salitre, cabelo nunca viu pente, até parece é pele de ovelha, magro como a caneta,

é só livros e mais livros no sovaco, um dia será doutor. Está aí! Você é ALGUÉM, primo-mais-novo! Você é AL-GUÉÉÉM!!! Pronto, desliga, até estou a tremer.... Ó mulher, dá cá ainda um copo de *cisangwa*¹. Aliás, *cisangwa* mais não. Só vinho! Ainda não ouviste que eu agora sou primo-mais-velho de alguém?...

Há muito que dona Napata não via o marido tão efusivo. Encheram copos, ele de vinho, ela de sumo natural de limão. Brindaram. O telefonema continuou:

— Alô, doutor!

— Viva, primo-mais-velho! Mas, por favor, chama-me mesmo pelo nome; isso de doutor eu dispenso.

— Então, posso ir ali fazer uma visita de molhar o cargo, não é?

— Sim, primo-mais-velho. Pode vir amanhã, é só apanhar o autocarro executivo interprovincial, eu pago aqui.

— Mas, ó marido, vais passear ou vamos?

— Vamos com quem?! Eu vou em visita protocolar, e não fica bem levar companhia.

1. *Ocisangwa* ou *cisangwa* (mais conhecida pelas corruptelas «quissangwa» e «kisangwa») é uma bebida caseira confeccionada à base de cereais. Receita consensual não deve haver, face à nossa diversidade etnolinguística. Tanto pode ser fermentada e alcoólica, assim como azeda (ou não), mas não alcoólica. O líquido é de elevado valor antropológico, que tem na mulher a garantia da sua existência, no que respeita à hospitalidade entre os Ovimbundu, grupo que representa um terço da população de Angola. «Ocisangwa» vem de «oku sangiwa», que também se diz em muitas variantes da língua Umbundu «oku sangwa». «Ocina co ku sangiwa ale cimwe cisangwa» (é algo encontrado, símbolo pelo qual o anfitrião se revela hospitaleiro).

Dona Napata julgou que o marido estivesse de brincadeira, que iria o casal na viagem, afinal, eram tantos anos de cumplicidade, não? Engano. Serviço limitou o papel dela a fazer-lhe a mala. Despediu-se, coração ansioso, com um beijo inerte.

— Alô, primo-mais-novo! Já chegamos. Estamos no terminal dos autocarros.

— Ok, primo-mais-velho, já aí vou.

— A viagem correu bem?

— Oh, doutor, quer dizer, primo-mais-novo!, autocarro executivo é grande categoria! Vim a dormir.

— Então, mas e este outro senhor?

— Ah, este homem? É meu amigo. Do melhor! Jogamos juntos a bola na primária, começamos a namorar juntos. Veio comigo passear. Sabes como é que é...

O anfitrião optou por um daqueles silêncios assombrosos. A noite era já ali. Os hóspedes adormeceram sonhando com milhares de desejos a realizar. Até que:

— Dá licença! Bom dia. Mais-velhos. Por favor, acordem!

— Mas quem é você para me acordar?! Não sabes que somos visitas protocolares?!

— Sou do protocolo! Ordem do chefe: fazer as malas e voltar no autocarro das cinco e trinta...

— Mas nós chegamos ontem à noitinha. Eu sou

primo-mais-velho do chefe, ouviu bem?! Vou ligar para ele. Mostra-me só onde fica o telefone. Sei que ele tem satélite...

— Alô, doutor! Sou o primo-mais-velho. Um dos nossos subordinados ficou maluco...

— Não, primo-mais-velho, não está maluco. Madruguei para visitar comunas distantes. Eu convidei o primo-mais-velho para me visitar. Eu ficaria com a sopa e o primo com o prato principal. Agora, se acha que traz os amigos, espera até eu ter a minha casa. Eu vivo na casa do Estado, não é para festanças.

— Mas então você é chefe no governo para quê?! Se temos um pouco, não podemos mostrar?!

E lá regressava Serviço da meia-viagem, envergonhado, ao consolo da esposa.

BLOGS

www.angodebates.blogspot.com
www.ombembwa.blogspot.com

CONTATOS

gociantepatissa@gmail.com
patissagociante@yahoo.com
www.fb.com/gociante.patissa

EDITORA

www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com